

COLLEGAMENTO CH 7 DE DEZEMBRO DE 2019

TÍTULO: “DESPOSEI DEUS”

1. ABERTURA E SAUDAÇÕES

O QUE ESSES REVOLUCIONÁRIOS TÊM EM COMUM?
CORAGEM, PAIXÃO, AMOR, VIRAM O MUNDO DE UMA NOVA PERSPECTIVA
AQUELA DE CHIARA É A UNIDADE

Chiara: Tenho um sonho, aquele de ver no mundo a realização da fraternidade universal.

INSPIROU MILHARES DE PESSOAS COM O OBJETIVO DE CONSTRUIR JUNTOS UM MUNDO
MAIS UNIDO.
DEIXE-SE INSPIRAR!

Lorenzo: 76 anos se passaram desde aquela manhã de 7 de dezembro de 1943. Uma jovem de 23 anos – Silvia – se consagra a Deus em segredo. Será conhecida por todos com um outro nome, Chiara. E justamente hoje, 7 de dezembro de 2019 inicia-se o Centenário do nascimento de Chiara Lubich.

Bem-vindos a todos. Eu sou Lorenzo, uma saudação a todos aqui de Rocca di Papa!

Como vocês puderam entender, este será um Collegamento especial: vamos conhecer as raízes daquele sim a Deus pronunciado por Chiara 76 anos atrás. Vamos viajar pelo mundo para encontrar o seu Carisma hoje – desta vez, de modo especial – no “focolare”...

Vamos iniciar. Vocês podem interagir conosco através de e-mails, ou podem nos enviar um WhatsApp nesse número que vocês veem na tela ou na nossa página de Facebook.

2. TRENTO (ITÁLIA): 7 DE DEZEMBRO DE 1943-7 DE DEZEMBRO DE 2019

Lorenzo: Dizíamos, aquele 7 de dezembro de 1943, foi o dia onde tudo começou. Vamos escutar Paolo Balduzzi que foi até Trento.

Paolo Balduzzi: Três cravos vermelhos. Provavelmente era tudo aquilo que Chiara Lubich podia comprar naquele 7 de dezembro de 1943. É de manhã cedo e faz um tempo horrível. Em Trento há guerra, chuva, vento forte e esta jovem de 23 anos vai até a igreja. E faz isso em um dia especial, o seu dia. O dia em que, secretamente, se doa a Deus para sempre. E estas flores simples são como que um presente a ele, a Deus. Inicia-se a partir daí uma história extraordinária que Chiara, naquele momento, nem de longe poderia imaginar. Uma história que continua e que, em grande parte, ainda está por ser escrita. **(na praça da catedral)**

Paolo Balduzzi: Estou aqui em Trento, na praça central da catedral que se prepara para o Natal. Trento é uma cidade ponte entre norte e sul, uma cidade de fronteira que conheceu na sua história inúmeras fraturas, mas também reunificações do ponto de vista social, político e religioso. Todos esses acontecimentos forjaram de modo decisivo o caráter de seus cidadãos. Lucia Fronza Crepaz, hoje você está aqui conosco. Trento é a sua cidade. Aqui em Trento você trabalha com a formação para a cidadania ativa... e você ainda era criança quando conheceu Chiara.

Lucia Fronza Crepaz: Sim, eu tinha 12 anos e conheci Chiara e fiquei fascinada por aquela dupla vocação: profundamente dentro da realidade local mas aberta ao mundo unido.

Paolo Balduzzi: Que de certa forma podemos dizer que é um pouco a vocação dessa cidade. E talvez não seja por acaso que Chiara Lubich, Silvia - este é o seu nome de batismo - tenha nascido justamente aqui, no início do século passado. Era 22 de janeiro de 1920.

Lucia Fronza Crepaz: Veja Paolo, no início do século passado esta pequena cidade possuía três revistas: uma liberal, uma católica e uma socialista. Este era o clima cultural no qual Chiara nasceu, mas a sua própria família era formada por um pai socialista, a mãe católica, o irmão mais velho, Gino, era um comunista antifascista e jornalista do jornal *Unità*; e tinha as irmãs pequenas Liliana e Carla. Chiara mesma conta que aprendeu a dialogar na sua própria família. Para conhecer Chiara é necessário passar por Trento e eu trouxe um mapa para você; um mapa onde estão assinalados os principais lugares da aventura de Chiara e suas primeiras companheiras. E nós daremos uma volta. Não veremos tudo hoje, mas os principais lugares sim. E começamos aqui. Paolo Balduzzi: em Gocciadoro **(em Gocciadoro)**

Paolo Balduzzi. Gocciadoro, periferia leste de Trento. Após os acontecimentos de 7 de dezembro, alguns meses depois nesse mesmo bosque, Chiara se refugia com sua família devido à eminência de um violento bombardeio que se precipita contra a cidade. É 13 de maio de 1944. Lucia, o que aconteceu exatamente naquela noite?

Lucia Fronza Crepaz: Toca o alarme e a família de Chiara, como tantas outras famílias, decidem vir aqui para o bosque porque é mais seguro para passar a tarde e a noite. Enquanto a cidade é bombardeada, os pais conversam e dizem que é necessário partir. Chiara escuta, mas havia prometido às suas primeiras companheiras que permaneceria na cidade. E portanto sente uma grande dor. E Chiara, pensando àquela noite, disse: “Foi uma noite de estrelas e lágrimas”: estrelas por causa do céu estrelado, e lágrimas pela dor profunda. Na manhã seguinte, o momento mais doloroso é quando coloca a própria mochila nas costas curvadas de sua mãe. Retorna à cidade, e sobre a Ponte da Cavalaria encontra uma conhecida que a abraça desesperada e diz: “Quatro dos meus morreram!” E ali Chiara entende que precisa esquecer sua dor para abraçar a dor de toda a humanidade, a dor mais profunda da humanidade. **(Androne)**

Paolo Balduzzi: Estamos em Androne, um dos bairros mais pobres dos anos 40 e 50. Hoje, ao contrário, vocês podem ver uma rua muito elegante e organizada. Lucia, por que estamos aqui?

Lucia Fronza Crepaz: Porque assim que Chiara e as primeiras companheiras descobriram que o evangelho era algo a ser vivido, entenderam que se deveria viver "com os pés no chão" e que o empenho – vindo deste grande amor da descoberta de Deus – deveria se tornar trabalho pelos pobres, com os pobres.

Paolo Balduzzi: Lucia, vamos fazer uma coisa... Vi que seus amigos chegaram. Você poderia apresentá-los e assim nos contam como continua este empenho hoje em Trento. São Elena Pasolli, coordenadora da “Rede de Ensino da Língua Italiana para Estrangeiros”, Mussa é da etnia Tuareg, e Hussein, do Afeganistão. Bem-vindos! Os três juntos aqui... Por quê?

Elena Pasolli. A nossa história foi vivida e construída em conjunto; iniciou-se em 2011 com a chegada dos refugiados da Líbia. Iniciamos logo a ajudar procurando alojamento, ajudas várias para dar dignidade a estas pessoas, ajudando com a língua italiana, a carta de motorista e o

certificado de ensino médio. Em 2017 sentimos a necessidade de uma maior abertura, e assim surgiu um local de acolhida e escuta recíproca aos domingos, quando todos os outros espaços estão fechados. Mussa e Hussein o administram com a nossa ajuda. A nossa força é a comunhão de bens, o trabalho em rede e a busca incessante pelo bem comum. **(no Canteiro da Paz)**

Paolo Balduzzi: Chiara foi uma professora, profissão que ela tanto amava e que dizia que a exercitava no amor.

Lucia Fronza Crepaz: Sim, é verdade. Seus alunos diziam que ela era uma ótima professora, que não usava a caneta vermelha, mas que ensinava bem as matérias e que os ensinava especialmente a querer-se bem. A viver de coração aberto. No fundo, Chiara foi uma professora durante toda a vida...

Paolo Balduzzi: Estamos aqui no Canteiro da Paz. Temos aqui conosco Stella Bozzarelli, uma professora de escola primária. Você poderia nos falar um pouco sobre este projeto?

Stella Bozzarelli: Tudo nasceu de Chiara, quando esteve em Trento e contou a seus cidadãos que tinha um sonho desde pequena: que Trento fosse incendiada pelo amor. Isso foi em junho de 2001. Poucos meses depois, em 11 de setembro de 2001, aconteceu a tragédia das Torres Gêmeas em Nova Iorque, o que tocou profundamente as crianças da escola em que eu trabalhava. Quiseram transformar o dado da Arte de Amar de Chiara em um Dado da Paz.

Paolo Balduzzi: Que é este aqui, com os vários lados. "Amor recíproco, Escutar o outro, Perdoar..." E o que aconteceu depois?

Stella Bozzarelli: Elas desejavam que Trento fosse a cidade da paz. Então pediram ajuda ao prefeito, que transmitiu este desejo à cidade: nasceu assim o Projeto Tudo Paz, que se difundiu em toda a região e em toda a Itália.

Paolo Balduzzi: E hoje, como vai este projeto para a cidade?

Stella Bozzarelli: No início éramos três, quatro professores, agora somos uma centena. Todas as escolas da província foram envolvidas e damos continuidade ao projeto no âmbito da educação para a paz e seus valores. Juntos, elaboramos um pacto educativo assinado por docentes, pais e alunos, e que se tornou patrimônio da cidade e oferta de formação do município. **(na Praça dos Capuchinhos)**

Paolo Balduzzi: Lucia, no nosso passeio por Trento não poderíamos deixar de vir à Praça dos Capuchinhos, número 2. O que este lugar representa?

Lucia Fronza Crepaz: Após deixar a família, Chiara fica sabendo que existe uma casa disponível. Bem próxima aos Capuchinhos. Digamos que modesta, pobre. Colchões no chão, uma pequena estufa, um pequeno corredor. E Chiara com suas primeiras companheiras, que chegam pouco a pouco, vêm morar aqui. O primeiro focolare.

Paolo Balduzzi: Deixa eu entender, Lucia..., não eram freiras, não eram casadas, nem mesmo leigas consagradas. Então, o que há de original neste Focolare e nesta convivência?

Lucia Fronza Crepaz: Chiara diz que a inspiração que tinha tido era a possibilidade de repetir hoje a casinha de Nazaré, casados e virgens juntos, com Jesus no meio deles para atua suas palavras "onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles". E então Chiara diz: o focolare se recolhe nesse amor recíproco até o ponto de merecer a presença d'Ele, que vive hoje, aqui na humanidade; e ao mesmo tempo na máxima abertura. Nós, diz Chiara, estávamos e vivíamos pelo "que todos sejam um", o sonho de Jesus, a oração que Ele tinha dirigido ao Pai. E aqui, na Praça dos Capuchinhos número 2, na pequena cidade de Trento, sob os bombardeios, todos sabiam que existia este lugar: um lugar para os pobres que vinham pedir algo, pão, trabalho... Mas também um lugar para os ricos que vinham até aqui trazer seus bens, sua disponibilidade.

Paolo Balduzzi: Portanto aquela vida que hoje emana desta casinha vale para você, para mim, vale para todos nós.

Lucia Fronza Crepaz: Depois de alguns meses havia aqui ao redor uma comunidade de 400 pessoas que haviam a possibilidade de viver o Evangelho hoje.

Paolo Balduzzi: Aquilo que essas jovens viveram, muitos anos atrás aqui em Trento, se repete no mundo inteiro, nas mais de 600 comunidades do movimento, os 600 focolares nos cinco continentes. Música e imagens

3. AO VIVO DE CADINE – TRENTO (Itália): CHIARA LUBICH – CIDADE MUNDO

Lorenzo: Vamos agora para Trento, no Centro Mariópolis de Cadine. Está ali a Stefania Tanesini.

Olá Stefania, uma saudação a todos! O que está acontecendo aí em Trento? E sobretudo, como será este Centenário? Stefania, com você...

Stefania: Estão ouvindo? Uma saudação de Trento! Estão vendo esta belíssima sala lotada? São 600 focolarinas, focolarinos e focolarinos casados, de 65 países do mundo, com Emmaus e Jesus. Hoje a tarde estávamos todos presentes na abertura oficial do Centenário de Chiara. O lema do centenário é: "Celebrar para encontrar Chiara". Isso significa que cada iniciativa, em 2020, que será feitas no mundo, não quer ser uma lembrança saudosista de Chiara, mas um encontro com ela, com sua pessoa e seu carisma.

Hoje também vimos a inauguração da Primeira Exposição Internacional dedicada a Chiara, realizada pela Fundação Museu Histórico do Trentino e pelo Centro Chiara Lubich, cujo título é "Chiara Lubich, cidade mundo". Esta exposição ficará aberta em Trento durante todo o ano de 2020, e não somente em Trento... Vamos ver do que se trata.

Giuseppe Ferrandi, diretor da Fundação Museu Histórico do Trentino:

Bem-vindo a Trento, cidade onde Chiara Lubich nasceu. Como fundação do museu histórico do Trentino, administramos este espaço do museu, que são dois antigos túneis rodoviários, duas galerias e aqui montamos a exposição Chiara Lubich, cidade mundo. É a primeira vez que dedicamos uma exposição a um personagem, um personagem, para nós, histórico, que tem suas raízes no Trentino, mas que tem uma grande capacidade de visão e de relacionamento com o mundo.

Optamos por dedicar uma exposição a Chiara Lubich, porque ela é uma personagem, uma mulher que representa o Trentino. O Trentino é uma terra central. É uma terra que viveu os conflitos do século XX e os reformulou parcialmente como um laboratório de coexistência e com a

capacidade de criar pontes. Há também uma sucursal da exposição em Tonadico, no Vale di Primiero, que conta a experiência das Mariápolis de 1949 a 1959. Obviamente, não há uma intenção hagiográfica. Não queremos construir uma imagem de santo, não queremos celebrar Chiara mas queremos entendê-la um pouco mais, para poder oferecer algumas interpretações aos visitantes, e especialmente queremos que esta exposição também represente outra oportunidade de encontro entre a região do Trentino e Chiara Lubich, entre o Trentino e o mundo.

Anna Maria Rossi, curadora da exposição "Chiara Lubich Cidade Mundo": Imaginamos essa exposição como se fosse diretamente Chiara a falar de si mesma através de vídeos, documentos originais autográficos, áudios e material fotográfico não publicados e imaginamos que um visitante pudesse dialogar com Chiara. Gostamos de ver Chiara intimamente envolvida na história do século XX. Era uma pessoa que enfrentava os principais eventos, sem sujeição, mas como protagonista ativa. Esta também é uma mensagem importante para as novas gerações, para os jovens que podem visitar esta exposição e tirar ideias interessantes para seu caminho educacional e de vida. A exposição será apresentada das mais variadas formas em diferentes cidades do mundo: de Mumbai a Nairóbi, de São Paulo à Cidade do México, de Argel a Jerusalém. Cada uma de acordo com as características locais, mas também utilizando o projeto original, que é o das Galerias.

Alba Sgariglia, co-diretora do Centro Chiara Lubich: O Centro Chiara Lubich disponibilizou toda a documentação que estava guardada no arquivo de Chiara, tentando elaborar um percurso que pudesse expressar verdadeiramente não apenas Chiara em sua figura, na sua vida como trentina, no contexto das duas guerras mundiais, nas quais ela nasceu e viveu, mas também a abertura que este Carisma teve, tanto no âmbito da cidade quanto naquele do mundo.

No pensamento de Chiara, toda cidade é realmente um mundo, mas também o mundo inteiro está contido em uma única cidade.

E é essa a mensagem que gostaríamos de ver também através desta exposição: que todo visitante possa sentir sua cidade aberta ao mundo inteiro e o mundo inteiro em sua própria cidade.

Lorenzo: Obrigado Stefania, voltaremos aí com vocês mais tarde.

4. CHIARA LUBICH: “DESPOSEI DEUS”

Lorenzo: Mas o que aconteceu naquele 7 de dezembro de 1943? Chiara mesma vai nos explicar... Vamos ver.

Chiara Lubich:

Estamos em 1943. Lembro que estava em casa, com minha mãe. Éramos pobres, porque papai não concordava com o fascismo e por isso tínhamos unicamente o necessário. Todos os dias, com uma garrafa, tínhamos que caminhar dois quilômetros para comprar leite para a família. Minha mãe não me deixava ajudar em casa, pois eu tinha que estudar. As minhas irmãs mais jovens ajudavam em casa.

Nesse dia de inverno estava fazendo muito frio! Minha mãe pediu para a minha irmã maiorzinha: «Vai comprar leite». «Ah, mãe, está fazendo muito frio, não quero!». Então disse para a menor: «Vai você?» «Não, está muito frio!» Sempre movida pela vontade de fazer um ato de amor, eu disse: «Eu vou dessa vez!» Minha mãe, não tendo alternativa, me mandou.

Eu fui. Caminhei até a localidade que fica a dois quilômetros, chamada "Nossa Senhora Branca" e no meio do caminho aconteceu um fato singular. Eu parei, pois sentia algo. Tive uma impressão (mas não era verdade!) de que o céu se abrisse e que alguém me dissesse... E soube logo quem era: «Doe-se completamente a mim!» Compreendi que era o chamado de Deus. Ele tinha os seus planos para mim.

Eu tinha um diretor espiritual. Eu lhe escrevi uma carta. Mais tarde soube que ele notou nela tanto ardor. O costume era deixar que as moças se consagassem a Deus por alguns meses, renovando-a por períodos. Ao invés, este diretor espiritual pediu conselho a um padre mais idoso e disse: «Acho que ela já pode se consagrar para toda a vida». Então, ele me deu a permissão, mas antes queria conversar comigo.

Estamos na década de 40. O diretor espiritual queria fazer o advogado do diabo, como se dizia. Ele me interrogou, apresentando coisas difíceis e uma delas era: «Olhe que as suas irmãs e seu irmão se casarão, terão filhos e você vai ficar sozinha!» Eu lhe disse: «Enquanto houver uma igreja com um sacrário, com Cristo vivo, jamais estarei sozinha». Foi isso que o convenceu a terminar o interrogatório e logo depois me disse: «Então, vamos fazer esta consagração no dia 7 de dezembro, na véspera da festa da Imaculada Conceição. Venha às 6 da manhã e ali fará a sua consagração a Deus».

Voltei para casa e não contei nada para a minha mãe. Eu disse que naquele dia eu devia participar de uma cerimônia. Coloquei o meu melhor vestido, um dos dois, pois – repito – éramos pobres, e fui. Chovia muito. Caía um temporal e... tanto que eu tinha que caminhar empurrando o guarda-chuva aberto, contra a tempestade. Era quase como se alguém quisesse me impedir. Mas não era assim.

Quando cheguei ao convento, este sacerdote estava me esperando na igreja. A igreja estava vazia. Porém, tudo estava aceso e do outro lado do balaústre estava um pequeno banco, onde eu teria que me ajoelhar para pronunciar, diante da hóstia consagrada, na elevação, a minha decisão: «Sou toda tua», de Deus. E no momento em que eu devia dar este passo – eu tinha 23 anos – compreendi o que estava fazendo, isto é, eu deixava tudo. Tive a impressão de que tinha atravessado uma ponte que desmoronava às minhas costas. Era a ponte do mundo. Lembro que, naquele momento, caiu uma lágrima sobre o missal. Eu me consagrei. Disse a Jesus: «Sou toda tua».

Quando terminou a missa, senti uma alegria interior louca, que não posso descrever. A minha sensação era: «Desposei Deus; desposei Deus». Eu disse: «O que pode acontecer?» Eu esperava tudo, pois tinha desposado Deus.

[...]

5. SAUDAÇÃO DE LUBUMBACHI (R.D. CONGO)

Lorenzo: Desposei Deus. Belíssimas essas palavras de Chiara. Com essas palavras vamos fazer um giro pelo mundo. Vamos ao continente africano, a Lubumbachi na República Democrática do Congo. Conosco está Amisa...

Amisa: Olá! Somos alguns representantes da linda comunidade de Lubumbachi, Congo! Festejamos com vocês este ano dedicado ao Centenário do nascimento de Chiara Lubich com a inauguração do hospital dedicado a ela, situado numa área pobre da cidade. O hospital nasceu por vontade da comunidade e dos empresários da Economia de Comunhão, com a ajuda da Europa, para responder às enormes exigências de saúde: não só de saúde física mas também de saúde relacional, de Amor.

Por isso o hospital é intitulado a Chiara Lubich e quer contribuir para a redução da mortalidade materno-infantil e se tornar lugar de formação médica e humana, que garanta a saúde da pessoa em todos os seus aspectos e para todos, como Chiara nos ensinou.

Tchau a todos.

AO VIVO DE ROCCA DI PAPA

Lorenzo: Obrigado de coração a todos vocês especialmente pelo entusiasmo.

6. AO VIVO DE OTTMARING (ALEMANHA)

Lorenzo: Agora vamos para Alemanha, em Ottmaring, a cidadela ecumênica dos Focolares, onde há pouco se concluiu o congresso Juntos pela Europa, que este ano comemora seus 20 anos. Temos conosco Ilona Toth. Oi Ilona, com você.

Ilona Toth: Sim, olá a todos. Saudações de Ottmaring. No congresso éramos 300 pessoas de 25 países e de 55 Movimentos e Comunidades Religiosas. Apesar dos problemas e muros físicos e políticos que hoje ameaçam a unidade europeia, precisamos dizer que esta rede formada ao longo dos anos é realmente uma rede ecumênica, iniciada por Chiara e por outros líderes de Movimentos de várias Igrejas.

É feita de pessoas, que são herdeiras de antigos e novos carismas. Estamos ligados por um pacto: o Pacto do Amor Recíproco. Caminhamos juntos e consideramos as nossas diferenças como grandes riquezas, ou seja, somos uma plataforma de diálogo entre os povos com o intuito de dar uma resposta às crises de valores e relacionamentos na Europa.

Agora o nosso trabalho continua nas cidades e o realizamos especialmente com os jovens que sentem a Europa e o mundo como a própria casa! Contamos com vocês. Tchau!

AO VIVO DE ROCCA DI PAPA

Lorenzo: Obrigado. Para os que quiserem aprofundar o tema sobre Juntos pela Europa, podem visitar o site www.together4europe.org dedicado ao evento.

7. AO VIVO DE TIRANA (ALBÂNIA)

Lorenzo: Permanecemos na Europa. Na noite entre 25 e 26 de novembro passado, um forte tremor de terra atingiu a costa norte da Albânia, na área da cidade de Durres: foram 51 vítimas fatais, muitos feridos e milhares de desabrigados. A comunidade local dos Focolares, a Coordenação de Emergência do Movimento, junto com a Cáritas e a Ação Católica uniram forças para ajudar a população local. Vamos chamar agora Tirana. Marcella lá com Damiano e alguns da comunidade local. Conte-nos como vocês estão vivendo estes dias.

Marcella: Olá! Ainda hoje, o medo é grande também porque o país está completamente despreparado para enfrentar uma situação de emergência: o governo ainda está avaliando os danos e mais de 10.200 casas foram danificadas, junto com escolas e alguns hospitais.

Com o focolare, montamos um grupo operacional com alguns de nossos engenheiros e famílias, para nos ajudar a orientar também nas medidas a serem tomadas pois as instituições públicas ainda não sabem como dar informações seguras sobre como se comportar.

Sentimos muito forte que o nosso centenário começou de uma maneira especial e que queremos deixar Chiara viver entre nós, em tudo o que nos rodeia. Esta é a experiência que estamos fazendo nesses dias: tentando formar uma rede e ajudando a Cáritas Nacional e Diocesana, ainda mais visitando as várias famílias, ouvindo-nos, compartilhando os muitos medos, as dores daqueles que perderam os próprios parentes.

Alguns de nós disseram que "este terremoto é um sinal de Deus", que nos leva a acreditar que, mesmo em uma terra que já sofre devido a uma forte emigração, existe um bem maior, que todos juntos podemos descobrir. Aqui queremos agradecer todos esses grupos e pessoas que nos mandaram ajudas e mandaram também todo o próprio amor.

Lorenzo: Obrigado Marcella, estamos com vocês, contem conosco. Se alguém quiser ajudar a comunidade da Albânia, poderá fazê-lo através das duas contas-correntes que vocês veem na tela, Ação para Famílias Novas e Ação por um Mundo Unido. Com calma vocês podem ir até o nosso site www.focolare.org temos mais onde vocês encontram o número da conta-corrente e outras informações, além de um artigo sobre o terremoto da Albânia.

8. ESTOCOLMO (SUÉCIA): O FOCOLARE, ESPAÇO DE FRATERNIDADE

Mas voltamos àquele sim de Chiara a Deus há 76 anos. Aquele 7 de dezembro é atual ainda hoje. É a festa de todos nós e de modo particular dos focolares, estas comunidades tão originais, compostas por virgens e casados, o coração através do qual tudo começou...

Mas como é, na prática quotidiana, a vida de um focolare? Fomos até Estocolmo, na Suécia, onde acompanhamos as focolarinas em casa, no trabalho e nas várias atividades...

Lidia Fioravanti (italiano): Somos cinco, três italianas e duas suecas. Meu nome é Lídia, nasci em Roma, mas cresci em Trento. Estou na Suécia porque moro numa comunidade do Focolare. Jamais teria imaginado morar na Suécia...

Foi bastante simples aprender a língua, entrar na dinâmica da vida, sair de bicicleta com qualquer tempo, sem olhar se chove ou não chove.

Sempre me preocupei muito com a minha vocação, o que seria certo fazer. Eu cresci, digamos, no meio de focolarinos. Por isso tinha a ideia de que eles são pessoas muito boas, sempre sorridentes, sempre positivas... até que eu mesma fui atraída pelo Focolare. Na verdade, quando se entra num caminho assim, este é um momento de luz, e com a luz você vê tudo muito melhor, inclusive os próprios defeitos. Então entendi que o focolarino é só um modelo a observar, porque é alguém muito consciente de suas misérias, é muito normal, e apesar disso coloca em jogo a sua vida.

Você pode ser mais ou menos inteligente ou simpático, mais ou menos sensível, até mais ou menos santo - porque efetivamente têm pessoas que conseguem amar mais. Mas nós queremos que a nossa vida seja um canal vazio para transmitir uma luz que nós vimos, mas que não somos nós.

O Focolare existe para ser um sinal, que leva a sério o Evangelho, as palavras de Jesus, para permitir que a presença de Deus seja visível, quase tangível; num sentido mais amplo, a fraternidade como objetivo universal. É para isso que existe o Focolare, e gostaria de ser este sinal na sociedade.

Maggi, Margareta Emrén (em italiano): Meu nome é Maggi, sou sueca e nasci em Lellevorek, depois do círculo polar, a 1313 km daqui. É a terra da aurora boreal, das renas, com muita neve. Em certos períodos do verão o sol não se põe à noite e nem sobe ao horizonte, em certos períodos do inverno, mas não é tão escuro quanto aqui em Estocolmo. E existe este tipo de lâmpada para ajudar o físico. No Focolare de Estocolmo temos também as focolarinas casadas, Igner e Christine.

Christine Wallmark (em inglês): Sou casada com Jonas há 34 anos. Nós conhecemos o Movimento dos Focolares num momento da nossa vida em que estávamos muito tristes, porque tínhamos acabado de saber que não podíamos ter filhos. Meu marido lembrou de alguns artigos de jornal sobre o Movimento dos Focolares que estavam há anos guardados no armário. De repente os pegou e sem pensar muito procurou a sede do Movimento, que não conhecíamos antes, e naquela noite foi lá.

Voltou para casa de manhã depois da meia-noite e me disse: “eu estive no céu”. Não era o seu modo habitual de falar, por isso eu pensei que fosse algo realmente importante. Um tanto cética eu me uni a ele, e fui arrebatada por Jesus Abandonado que falava diretamente aos nossos corações na situação em que estávamos.

Era tão diferente de tudo o que existia no meu mundo. Eu sou uma economista, e trabalhei a vida inteira no setor civil. Poderia falar de finanças, economia e negócios na Suécia, mas não o faço... porque do outro lado da medalha há o modo como nos relacionamos um com o outro. Se queremos nos tornar uma “aldeia”, onde as pessoas sejam felizes, devemos conversar entre nós e olhar-nos nos olhos. Acredito que o Movimento dos Focolares tenha a chave para ajudar as pessoas a comunicarem-se melhor.

Elena Briacca (em italiano): Estou há sete anos em Estocolmo, na Suécia, e antes de vir estive por 14 anos na Eslováquia. Eu gosto muito de estar ao ar livre. Nasci nos pré-alpes italianos.

Eu deixei a Eslováquia que é uma nação maravilhosa, com pessoas muito acolhedoras, esplêndidas, e deixei uma língua que tinha aprendido com muito esforço. E cheguei aqui sem conhecer nada, principalmente a língua que era difícil para mim.

Eu sou enfermeira, trabalho no departamento cirúrgico de um hospital, e gosto muito do que faço. Trabalho num ambiente sobretudo ateu. Sou católica, mas aqui estamos num país luterano. Muitos são da Igreja luterana sueca; tenho 4 colegas muçulmanos e os outros ateus. Eu os convidei uma noite e vieram 15 colegas. Preparei um jantar italiano. Assim para criar um relacionamento. Esta é um pouco a pobreza sueca, o relacionamento entre as pessoas. Então procuro fazer algo diferente para criar relacionamento entre as pessoas e ajuda muito.

Katarina Miksits (em italiano): Não existe um Focolare na Dinamarca e nem na Finlândia, por isso viajamos com frequência a esses países. A Suécia também é um país grande, então vamos aonde estão os nossos amigos que querem compartilhar a vida do Evangelho.

Lidia Fioravanti (em italiano): Agora estamos indo a Vasterós. Está a uma hora e meia de Estocolmo, e lá vamos encontrar um grupo de famílias provenientes principalmente da Síria, que conheciam o Movimento antes de chegar na Suécia e vieram pela insegurança em seu país, por causa da guerra.

Maria Luce Moser (em italiano): Meu nome é Maria Luce, sou italiana e estou aqui faz algum tempo, procuro aprender a língua, conhecer o povo, a cultura, querer bem as pessoas. Agora acabei de voltar de uma viagem à nossa comunidade de Goteborg, onde passamos um lindo fim de semana.

Katarina Miksits (em italiano): Temos a outra comunidade, o Focolare masculino, com quatro focolarinos. Nós colaboramos muito, nos sentimos como irmãos e irmãs. Este é um momento especial, porque um deles recebeu o diagnóstico de um câncer, e para todos nós é um irmão que está doente, que sofre... é um de nós.

Voz feminina: De onde você recebe esta serenidade?

Patrick: Não sei... quando chegou o diagnóstico eu me senti 'popo', nos braços de Deus, de Maria, nada me pode acontecer... "se Deus é por nós, quem será contra nós..."

Voz feminina: Em uma palavra, o que você diria?

Patrick: Ser um 'popo', uma criança da espiritualidade.

Lidia Fioravanti (italiano): O focolare procura antes de tudo oferecer espaços e ocasiões para que muitos possam ter a possibilidade de viver a fraternidade universal, mas que não é uniformidade e, justamente, depois atrair muitos a viverem assim, e "exportar" essa vida.

Lorenzo: Obrigado a todo o focolare, especialmente aqueles de Estocolmo que estão nos acompanhando! Um abraço especial ao Patrick!

9. AO VIVO COM SUVA (ILHAS FIJI)

Lorenzo: Agora vamos para o meio do Oceano Pacífico, nas Ilhas Fiji! Imaginem que estão há mais de 4 horas de voo de Sidney, mais de 3 mil quilômetros. E é bem ali, no meio do oceano, que há poucos dias nasceu o último focolare. Estamos conectados com a Lourdes... Oi Lourdes, se não me engano aí são 8:45 da manhã, se os cálculos estiverem corretos...

Resposta: Sim, estamos aqui!

Toda a comunidade saúda: BULLA FROM FIJI

Kata Voluntária: Olá, queremos expressar nossa gratidão à Chiara porque o seu Ideal chegou até aqui, e agora estamos felizes pela chegada do novo focolare!

Lourdes: Sim, chegamos aqui em Suva dia **27 de novembro** e em **abril** do próximo ano se abrirá também o focolare masculino. A Espiritualidade da unidade chegou em 1982 graças ao padre Carvill que iniciou com os primeiros encontros da Palavra de Vida na vila de Lami. Depois começaram as várias viagens das focolarinas e focolarinos da Nova Zelândia e Austrália, e em 1990 foi realizada a primeira Mariápolis.

No ano passado, pela primeira vez, um grupo de jovens de Fiji participou do Genfest em Manila, nas Filipinas.

Mas durante estes anos, em toda a região do Pacífico, incluindo Nova Caledônia, Wallis, Futuna e Kiribati, foram realizados muitos encontros e atividades onde trabalhamos juntos, igreja local e focolares: Mariápolis, acampamento para jovens e adolescentes, iniciativas ecológicas, formação para adultos.

Obrigado a todos. É uma alegria estarmos conectados com todos vocês. Deixamos vocês mais uma vez a nossa saudação:

Toda a comunidade: **BULLA**

Lorenzo: Obrigado Lourdes, uma grande saudação de todos nós!

10. AO VIVO DE CADINE (TRENTO) – ENTREVISTAS FLASHES COM 3 FOCOLARINOS

Lorenzo: Voltamos novamente ao vivo de Trento...
Stefania, quem está aí ao seu lado?

Stefania: Sim, Lorenzo, ao meu lado estão Oscar, Pina, e Kate, são três pessoas que escolheram seguir Chiara seguindo a sua estrada, a estrada do focolare.

Oscar, você tem 24 anos, é colombiano e concluiu agora a escola de formação, onde aprofundou a vocação e procurou compreender se era mesmo o seu caminho. Porém, parece que agora você está partindo, para onde vai?

Oscar: Estou indo para um belíssimo país, o Líbano. Aproveito para saudar todo o povo libanês. (aplausos)

Stefania: Mas com que espírito você está viajando?

Oscar: Para dizer a verdade, eu sinto um mix de muitas de emoções, pensamentos e muitas coisas. Por um lado sinto um pouquinho de medo porque tudo é novo, tenho que descobrir tudo, mas, por outro lado, uma alegria imensa, porque vivo aquela aventura que Deus pensou para mim.

Stefania: Mas me diga uma coisa: não é uma loucura hoje, em 2019, seguir uma vocação como esta?

Oscar: É mesmo uma loucura. (risada e aplausos) É uma loucura porque é preciso ir contra a corrente, muitas vezes aquilo que o mundo me oferece não me ajuda a viver esta escolha. Acredito que dizer sim a Deus é a loucura mais bela que se possa fazer.

Stefania: Obrigada, Oscar. (aplausos)

Kate, você é irlandesa e está num focolare dos Estados Unidos há oito anos. Pode nos falar desses oito anos, como foi: simples, difícil? Nunca passou pelo seu coração o desejo de se casar e ter filhos?

Kate: Passei momentos difíceis. Porém, vivi também muitos momentos de alegria, de verdadeira felicidade, sempre. De um certo ponto de vista posso dizer que deixei tudo por Deus. Porém, mais do que tudo sinto que Ele me deu tudo, me deu muito, muito mais do que eu teria pensado e sonhado. Você falou da família. Ele me fez encontrar a família no focolare, no Movimento, mas também fora: quando vou ao trabalho, na cidade, nos meus compromissos sociais procuro criar relacionamentos de família ali onde estou. Então posso dizer realmente que o mundo se tornou a minha família.

Stefania: Obrigada, Kate. (aplausos)

Pina, você é italiana e uma focolarina casada. Que contribuição os focolarinos casados dão ao focolare?

Pina: Em primeiro lugar é abertura para o mundo, com a família, a simplicidade da família, enfrentando juntos as dificuldades, também os momentos de festa e de alegria. Eu me sinto como

alguém que protege esta vida de focolare, essa realidade, e ao mesmo tempo é também um dom porque volto para casa fortalecida para enfrentar a vida do dia a dia. (aplausos)

Stefania: Obrigada, a Oscar, a Pina e a Kate por nos terem aberto um pouco a janela para a vida de vocês, para a escolha que fizeram e, Lorenzo, restituo a linha.

Lorenzo: Obrigada Stefania, até mais.

11. AO VIVO COM PATOS DE MINAS (BELO HORIZONTE - BRASIL)

Lorenzo: Vamos ao Brasil, vamos tentar, porque a linha web não está boa. Vamos até Patos de Minas, na Região de Belo Horizonte. Nestes dias comemoram os 50 anos da chegada do Movimento ali. Temos conosco Álvaro José. Quem está aí com você?

Álvaro José de Silos Araújo: Olá a todos. É estamos muitos contentes em saudá-los. Somos 80 na conclusão dos festejamentos dos 50 ANOS DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES na cidade de PATOS DE MINAS e seu território. Tudo começou COM UM PEQUENO GRUPO DE PESSOAS: AUXILIADORA, ABADIA E ALICE, que participaram de uma MARIÁPOLIS EM Caxias DO SUL nos anos de 68, 69 E ANOS SEGUINTEs. De lá muitas pessoas conheceram a espiritualidade do Movimento dos Focolares em JORNADAS E MARIÁPOLIS, AQUI nesta cidade e nas cidades vizinhas

Uma saudação a todos vocês.

Lorenzo: Obrigado Álvaro.

12. FLORIANÓPOLIS (BRASIL): O FOCOLARE NO “MORRO”

Lorenzo: Permanecemos no Brasil. Desde 2014 no “Morro da Cruz” vive uma comunidade de focolarinos que partilha a vida dessa populosa favela de Florianópolis. Uma expressão – segundo Pe. Vilson Groh, que vive ali há mais de 30 anos – do desejo de Chiara de ter focolarinos também nas periferias do mundo.

Keles Lima (em português): Nós temos aproximadamente 25.000 pessoas e aproximadamente também 5.000 famílias. Então, nós temos uma realidade que perpassa pela violência, pelo tráfico de drogas, pelas questões de desemprego. E hoje também as questões que dizem respeito à imigração. Nós começamos como comunidade do Focolare em 2014, mas antes, em alguns anos atrás nós começamos a fazer algumas experiências de vida comunitária e de visitar aqui o morro, não é?, junto com padre Vilson, que já mora aqui mais ou menos há 37 anos. E junto com ele nós fazíamos algumas experiências de viver nessa realidade aqui um pouco, para poder estar um pouco com as pessoas, para ver um pouco como é que elas vivem aqui, também nas periferias de Florianópolis.

Keles: Vamos entrando dona Teresa. Ah, senhor Moraes, eu não conheço bem a sua casa.

Olinda Teresinha Rosa Machado (em português): Quando a gente veio para cá não tinha nada. Nós não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. A gente dependia de um poço lá no fundo, lá no mato; às 3 horas a gente corria para pegar água, porque como era muita gente.

Romalino Martins Moraes (em português): Foi crescendo a comunidade, foi crescendo.

Olinda Teresinha Rosa Machado (em português): É! A gente começou. A luta aqui em cima, nesta comunidade, como não tinha nada foi em 97. Fez um barraco, fez... a primeira missa campal que deu aqui em cima foi às vésperas de Natal, no dia 24.

A gente trouxe o padre Wilson para cima para rezar a missa. Fizemos uma festa maravilhosa. Está aqui gravada. Mas a gente fez um trabalho muito bonito aqui. Daí que o padre Wilson ficou com a gente ficou mais, sabe, mais fácil. Se a gente corria para fazer a melhoria do bairro, ele estava junto com nós. Até hoje eu acho que está, né? Até hoje. Ele não abandona a comunidade.

Padre Wilson Groh (em português): Vamos por aqui. Isso aqui a gente reconstruiu tudo. Se chamava a “boca da lixeira”. Aí hoje fizemos uma área de arte aqui. Eu vim para o morro, habitar aqui em 1983. O que tem me atraído fundamentalmente foi o Evangelho. E no Evangelho o que tomou o meu coração foi: “tudo o que fizerdes ao menor de meus irmãos, a mim o fareis”. Essa é minha força mística e dentro disso, eu tenho encontrado o grito do abandono. E o grito de abandono tenho encontrado no Movimento de Unidade, no movimento... na compreensão com Chiara Lubich. E essa compreensão profundamente do grito é a força que me fez vir para as periferias. O encontro com Jesus abandonado, é um Jesus que tem rosto, tem lugar, tem território. É um Jesus que eu toco todos os dias.

Padre Wilson Groh (em português): Eu não vim para o morro só porque tinha empobrecidos, só ou porque tinha população negra ou só por uma questão, eu diria assim, da injustiça social. E vim para o morro porque... nesse espaço do mistério, nesse espaço da teologia, do encontro com o abandono, com o seu grito é aqui que eu fiz toda a minha vida... o meu exercício de retomar o avental de Jesus, um serviço de lava-pés. A presença do Focolare no morro hoje é um grande dom de Deus. Há esta dimensão que liga a uma compreensão de Chiara nos anos 62, quando ela dizia que o seu grande desejo eram os focolares nos mocambos, nas periferias.

Lucival da Silva (em português): É uma experiência muito especial, muito diferente de todas as experiências que eu já vivi em outros focolares. Ela é desafiadora. E procurar estar aqui também pensando em estar o mais possível da maneira como as pessoas que moram aqui vivem, também do ponto de vista da habitação. Mas que as pessoas também, os vizinhos possam vir aqui conosco, tomar um café, conversar e sentir-se em casa.

Marco Aleotti (em italiano): Nesta casa, uma coisa que me impressiona é que não tem televisão.

Lucival da Silva (em português): Pois é, essa foi uma decisão que a gente procurou amadurecer juntos, já na chegada. Sendo a casa pequena e o nosso objetivo era justamente que a casa fosse aberta, acolhedora, e que as pessoas viessem não para, sei lá, para se entreter com a televisão, com outras coisas, mas onde a gente pudesse estabelecer um relacionamento mesmo. Então, a gente pensou que talvez não era o momento de ter uma televisão em casa. Não nos faz falta.

Marco Aleotti (em italiano): Estas que vemos são casas de madeira. Provavelmente são as primeiras casas construídas pelas pessoas aqui do morro. Depois começaram a construir casas de alvenaria.

Helson Pereira (em português): Nós temos casas que são... Eles aumentaram. Vão construindo ao lado, uma do outro, para alugar para família. Uma família vive numa peça com um quarto, um banheiro e uma cozinha. Essa é a realidade que vive aqui no morro.

Marco Aleotti (em italiano): O focolare de vocês fica na beira da rua. Muita gente vem encontrá-los e também vocês vão nas casas...

Helson Pereira (em português): Sim, muita gente do morro com os anos... São quatro anos que nós vivemos aqui, não é?, quatro, cinco anos. O Focolare hoje, onde está localizado, está bem num ponto estratégico. A gente se relaciona... Dá a possibilidade de se relacionar com muita gente na rua. É sempre uma oportunidade de... de encontro também. Não só, mas também esse encontro... muitas vezes assim a gente... quando chegamos aqui também era para rezar, também. E nos encontramos em família, grupo de oração em família. Visitamos alguma pessoa doente. Sempre... tudo a gente faz para que seja uma oportunidade de criar um novo relacionamento.

Marco Aleotti (em italiano): Além de Helson, que está aposentado, os outros focolarinos estudam e trabalham. Clefaud sobretudo com os imigrantes do seu país, o Haiti. Lucival com a Fazenda da Esperança. Keles é educador numa grande escola dos padres Maristas aqui no morro, com mais de 500 jovens da favela.

Keles Lima (em português): Então, eu vejo que os maristas, juntamente conosco, estamos aqui para potencializar isso: esta transformação social. E não é um social pelo social. É um social que adquire, digamos assim, a perspectiva do Reino de Deus. E a partir dessa dignidade dessas pessoas, de cada um, das crianças, dos adolescentes e dos jovens, a gente busca que eles percebam que o amor entre todos é o mais importante. Neste ano de 2018 nós fizemos um congresso com os jovens aqui na comunidade e para os jovens o que foi muito importante foi eles estarem, digamos assim, hospedados, alojados na casa das famílias. Os jovens saíram daqui muito contentes e muito felizes com esta experiência e certamente é uma experiência que a gente irá repetir em alguns outros anos, não é?

Padre Vilson Groh (em português): Eu sempre digo ao grupo dos focolarinos, aqui, a Keles, a Lucival, a Helson e a Clife de que a importância do focolare é ser uma presença de luz na periferia; uma presença que amplia uma compreensão necessária para o Movimento da importância daquilo que foi, lá com Chiara em Trento, quando Chiara esposa a humanidade naquela mulher que tinha perdido os seus filhos e ela tinha perdido os pais, que subiam para a montanha, e ela se encontra com a humanidade desse grito.

Depois descobre Jesus Abandonado nesse processo todo da sua vida, que é um grande dom para a vida da Igreja, não? E que é um grande dom do ponto de vista de uma perspectiva na continuidade daquela experiência que Chiara fazia na mesa: um focolarino e um pobre, um focolarino e um pobre.

Penso que hoje surgiram tantas obras sociais no Brasil, que é fruto de um movimento de unidade, do carisma e que são os braços de Jesus abandonado, que abraça o grande Jesus Abandonado na intuição de Chiara hoje em dia, não?

Lorenzo: Obrigado ao Padre Vilson e aos focolarinos do Morro!

13. AO VIVO DE CADINE (TRENTO) – SAUDAÇÃO DE MARIA VOCE (EMMAUS) E JESÚS MORÁN

Lorenzo: Vamos voltar agora a Trento, ao Centro Mariápolis de Cadine.
Stefania, é com você...

Stefania: Obrigado Lorenzo, estou aqui com Emmaus e Jesus.

Jesus, aproveito aquilo que acabamos de ver e ouvir em Florianópolis. Qual é a sua impressão?

Jesús: Vocês viram Florianópolis, a experiência do Morro, do focolare do Morro, a experiência de unidade com padre Vilson e os maristas. O seu instituto ali é uma encarnação formidável do carisma. Estive com padre Vilson no mês passado e para mim é um místico. Ele é um místico de Jesus Abandonado. Soube compreender este grito num lugar muito preciso e o seu amor apaixonado, porque é um apaixonado de Jesus Abandonado, transformou completamente a realidade..

A impressão que temos quando estamos com ele é que ele comunica o Evangelho puro, encarnado. Neste sentido não nos deixa como antes. É mesmo algo que nos transforma. A gente viu só os pobres. Porque ele é tão evangélico no seu modo de agir que conseguiu construir pontes também com as pessoas que vivem na parte de baixo, na cidade, que são os ricos e por isso transformou a mentalidade também dos ricos para que se apercebam da injustiça que existe naquela cidade, que é como uma mancha. E os envolveu neste trabalho de transformação social.

E esta é a profecia de Chiara plenamente vivida. Os focolarinos ali – como ele diz – estão levando uma luz, uma luz que é esta presença constante de Jesus no meio.

Stefania: Obrigada, Jesús.

Emmaus, voltemos ao hoje, ao dia de hoje e à surpresa de hoje à tarde - podemos dizer que foi uma surpresa pois era uma notícia de poucos dias atrás - -: você recebeu uma condecoração por parte da Província autônoma de Trento e é o Selo de São Venceslau. Com que espírito você o aceitou?

Emmaus: Repito que foi mesmo uma surpresa. Fiquei muito admirada e comovida. Não esperava nenhuma condecoração a mim, à minha pessoa, e se fosse só por isso eu diria que perderam tempo em me conceder isso. Porém fiquei muito comovida porque na motivação se fazia referência à pessoa e ao carisma de Chiara.

Então, neste sentido, como expressão deste carisma, do qual de alguma forma sou portadora, fiquei muito feliz, porque disse: este é um prêmio dado ao carisma de Chiara, ao povo de Chiara espalhado no mundo - e estamos vendo alguns dos frutos que existem neste povo de Chiara espalhado no mundo -, portanto, é dado a todos. De alguma forma, todos pertencemos a este povo trentino, que deu a vida a Chiara, que a seguir transmitiu esta sua característica “trentina” ao mundo inteiro. Estou comovida e grata em acolher este prêmio.

Jamais como hoje, eu diria que se sente o mundo inteiro aqui presente, porque é verdade que estamos em Trento, que estamos em Cadine, onde tudo nasceu, mas é também verdade que aqui presente estão representantes do mundo inteiro, de todas as gerações, de todas as culturas e representam o povo de Chiara no mundo, que começa a festejar o seu Centenário.

Stefania: Obrigada, Emmaus. (aplausos)

Quero voltar mais uma vez ao dia 7 de dezembro de 1943, quando Chiara disse: “Despousei Deus e dele eu espero tudo”. Mas estas palavras de Chiara são válidas ainda hoje? O que ainda devemos esperar de Deus? (pausa) Pergunta simples! (risadas)

Jesús: Acredito que são muito válidas. Vimos nesses dias, neste encontro aqui, sobretudo vendo estes popos e popas jovens, que começam a própria aventura, mas não só, também os idosos (risadas), a fidelidade dos idosos também é importante.

Acredito que em nível pessoal a nossa expectativa deve ser aquela de viver sempre na novidade do Espírito dentro de nós. Esta é a única plenitude possível. E em nível social, depois de ter visto esta reportagem sobre Florianópolis, eu acredito que podemos esperar desse Esposo a

realização dos valores do Reino, isto é, a realização do Magnificat na terra. Acredito que podemos esperar isso, podemos acreditar nisso.

Stefania: Obrigada.

Emmaus, uma última pergunta. Inauguramos o Centenário, como você pensa em vivê-lo?

Emmaus: Eu quero vivê-lo como um ano de luz e de fogo. De luz, porque Chiara sempre nos mostrou tudo na luz, nos deu uma grande visão, como repetiu há pouco no seu discurso. Esta visão de um mundo unido, esta visão de uma fraternidade realizada. E sinto que esta luz iluminará todas as pessoas que passarão a conhecer, de modo particular durante este ano, Chiara e o seu carisma. Sinto que conhecerão também esta visão e não poderão mais viver sem ela.

Portanto, espero também um ano de fogo, porque espero que este encontro com Chiara... cada um terá a oportunidade de encontrar Chiara, aqui em Trento, mas não só, também em todas as exposições que se farão nos outros continentes - como vimos -, em todos os eventos pequenos ou grandes que serão feitos nas pequenas ou grandes comunidades para festejar o Centenário. Ali se terá a ocasião especial de tocar o carisma de Chiara, de ser um pouco inflamados por este fogo, tornando-se centelhas desse fogo. Depois, cada um voltará aos lugares onde vive para acender outros fogos ao redor e realizar a transformação do mundo, que só Deus pode realizar.

Levar este fogo de amor no mundo para realizar a transformação que Deus pode e deseja fazer. (aplausos)

Stefania: Lorenzo. Obrigada, Emmaus, obrigada Jesús.

Com estes votos, Lorenzo, restituímos a linha e uma saudação de Trento! Tchou! (aplausos)

Lorenzo: Obrigado Stefania, obrigado de coração a todos vocês.

14. CONCLUSÃO

Lorenzo: Aproveito para lembrar que vocês podem seguir todos os eventos do Centenário através do site: www.focolare.org e também do site www.centenariolubichtrento.it e, **especialmente para os jovens, nas nossas redes sociais: Facebook, Twitter e Instagram.**

Além disso, aproveito para falar do último livro sobre Chiara que saiu, por enquanto só em italiano, de Maurizio Gentilini, publicado por *Città Nuova*: “Chiara Lubich, a via da unidade entre história e profecia”.

O Papa Francisco no domingo passado escreveu a todos sobre o significado e valor do Presépio que “suscita sempre surpresa e maravilha”.

E agora aproveito para lembrar que os e as Gen4, as crianças do Movimento dos Focolares, também estão empenhadas este ano para realizar a operação “Desalojaram Jesus”, com o objetivo de recolocar ao centro do Natal o nascimento de Jesus. Para isso, em todo o mundo oferecem pequenas imagens do Menino Jesus, feitas por elas, e o lucro será destinado ao Instituto para Crianças Deficientes Auditivas no Líbano, que tem o risco de fechar as portas, e para o Centro Social *Unidad* de Bogotá, na Colômbia.

Portanto, obrigado a todos os gen4 do mundo!

Nosso próximo Collegamento será dia 1º de fevereiro de 2020 ao meio dia, horário italiano.

Um Feliz Natal a todos e até a próxima!

